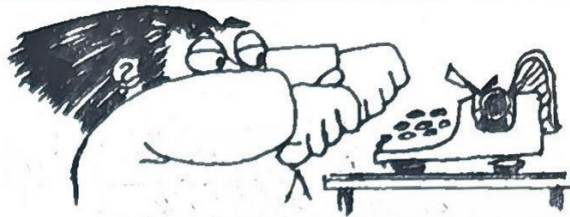
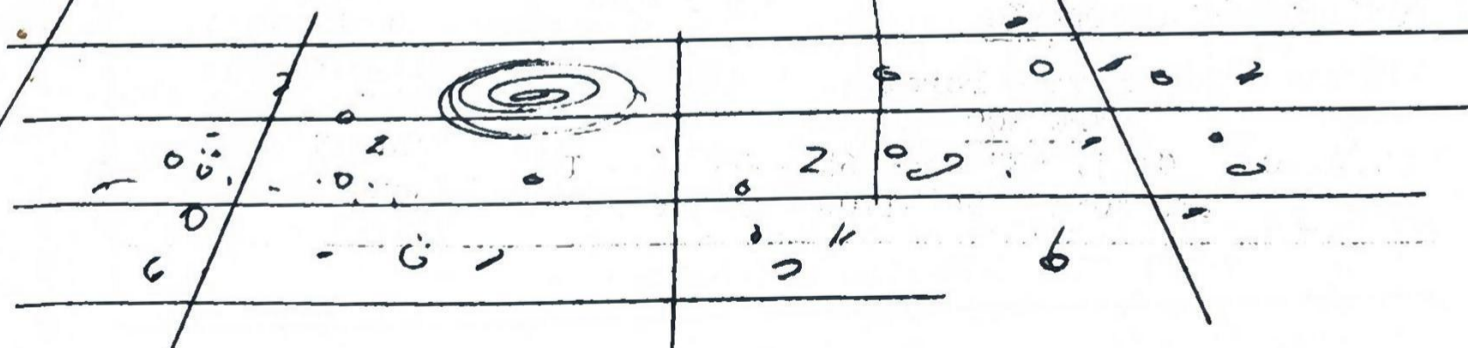


PAUSA.

BRASÍLIA, ANO I - Nº 04. FEVEREIRO DE 79



— MIM DESISTIU, EM VEZ DE HAWAINAS, EU FICAR COM BAIANAS. MUITO MAIS BARATO!





"Cada erro cometido é uma virtude adquirida".

Ao abordarmos nestes três últimos números o que acontece, sobretudo, na colônia maranhense - O PAUSA - adquiriu resultados animadores e importantes, por conseguinte, devido ao crédito de confiança dos leitores.

Passado as emoções duras dos dois primeiros números, certificamos nitidamente à realidade. Paradoxalmente, a equipe de feitura amadorística, originada inerte nos mistérios de uma produção, - de outro - a conscientização de que há sempre o que aprender, acrescentar e evoluir, buscando sempre responsabilidade com os leitores, afin de renovar o conceito tributado.

A um jornal que procura aprimorar e melhorar a cada número - tal é a nossa proposição - corresponde daqueles que o lêem, o limite sugestivo e animador de perpetuarmos nossa existência.

Tentando expressar sempre, o carinho a cada edição, variamos nossas páginas de redação, enriquecendo soberbamente, com o encarte de artes e do desenvolvido nível de colaborações recebidos à cada número, infiltran-

do a linguagem descontraída, nas moldada segundo as normas gramaticais.

A ben da verdade, ainda é muito cedo para comentarmos o nosso trabalho jornalístico, porém os resultados vão aparecendo e nos encaixam por algo de qualidade, sobre-maneira, ensinando-nos a lição do aprendizado constante. = Eider A. Moraes =====

.....

C A R T A

Sr. Diretor:

Alegrou-me muito o recebimento de "O Pausa", cujo o conteúdo me fez sentir antes de mais nada a nobre intenção dos amigos conterrâneos de fomentar um clima de confraternização entre os cordinos e amigos que conosco se afinam. Achei excelente o nível do jornalzinho.

Contem comigo pelo menos como forte incentivador deste empreendimento.

Pé na tábua!
Vamos em frente
Que atrás vem gente!
Zénelo - Goiânia - Go.

PAUSA-PAUSA - PAUSA - PAUSA - EXPEDIENTE - PAUSA - PAUSA - PAUSA

A N O - I - Nº 4 - BRASÍLIA, DF - FEVEREIRO - 1979

<u>DIRETOR</u>	<u>REDAÇÃO</u>	<u>C A P A</u>	<u>COLABORADORES</u>
Eider Moraes	Aldemir Luna	Aeldo Luna	Antonio Jaldo
<u>EDITOR</u>	Gilson Pacheco	e	Antonio Vieira
Olímpio Júnior	<u>REVISÃO</u>	Paulo Luna	Olímpio Cruz
	Hermes Pereira		Nonato Cruz
	<u>ENDEREÇO</u>		Sebastião Artur
	Q. E. 04 - Conj. "E" Casa 65 - Guará - I		Tânia Freire
	TELEFONES: 568-1700 e 568-0269		Ubirajara Milho non

BARRA DO CORDA, UMA RAPSÓDIA DE AMOR-Parte 04

Olimpio Cruz

E assim que o índio desapareceu na mata, margeando o ribeirão, sorrateiramente, devagarinho, Antonio Mulato, o seguiu sempre de longe para que não fosse visto. E foi andando, andando, até que veio parar na confluência do Corda com o Mearim, onde se encontrava Melo Uchoa arranchado num barracão.

Grande foi a alegria de Melo Uchoa ao receber a inesperada visita do fiel escravo Antonio Mulato, o qual trazia-lhe a notícia de que sua esposa estava há poucas léguas dali, acalentando nos braços uma filhinha recém-nascida, pelo que, naquele momento, rendendo, graças a Deus, pensou também em dar mil agradecimentos ao seu prestimoso compadre Sebastião Aguiar e aos demais componentes daquele grupo.

Sem mais delongas, já refeito das emoções do momento, seguiu imediatamente com alguns homens de sua confiança, em direção ao lugar onde estava Dona Hermínia, local onde hoje está situado a povoação denominada "Pórcos". E ali chegando, após os devidos cumprimentos e abraços, ao tomar nas mãos a sua querida filhinha, disse: "Feliz é a época que atravesso. A Divina Providência acaba de me agraciar com duas filhas risonhas e diletas - a Altina Teresa e a futura cidade, que edificarei".

Ultimamente já reunidos, dirigiram-se ao local escolhido para fundar a nova cidade, onde tendo organizado um croquis, levou-o ao conhecimento do então Presidente da Província, Antonio Pedro da Costa Ferreira, tudo por intermédio do seu velho e diligente amigo, o Desenbargador Vieira.

O desterrado cearense Uchoa não descansava. Ali já estimulado por Dona Hermínia, bem como ajudado por todos os seus companheiros, inclusive os índios denominados mateiros trazidos da região "Mucura", dos canelas propriamente ditos e dos guajajaras dos quais já se tornara vigilante e protetor, aos poucos foi dando início a fundação da cidade, a qual foi gradativamente crescendo, passando dali em diante a receber os seguintes nomes: Missões, Vila de Santa Cruz, Santa Cruz de Barra do Corda, Barra do Corda, Barra do Rio das Cordas e, finalmente o legítimo nome de Barra do Corda, sendo que por força da lei estadual, nº 67, de 25 de junho de 1894, foram-lhe concedidos foros de cidade.

Melo Uchoa depois de ter sido "o precursor da abertura de estradas e da proteção aos índios, no século passado", veio a falecer em Barra do Corda, pobre e desprezado, em 7 de setembro de 1866.

Dentre os elementos que mais se destacaram na continuação da obra de Melo Uchoa, após a sua morte, no sentido do progresso e da cultura, temos Manoel Rainundo Maciel Parente, Melo Albuquerque, Isaac Martins, Fortunato Ribeiro Fialho, Frederico Figueira e José Leonílio da Cunha Nava, que por quatro vezes dirigiu os destinos do Município.

Barra do Corda, tem legado ao país, filhos ilustres, entre os quais Maranhão Sobrinho, grande poeta simbolista, Clodoaldo Cardoso, poeta e político de influência, Isaac Ferreira, poeta e jurista, Denóstenes Braga, discípulo na Escola Humanística do Recife, de Graça Aranha, Silvio



No último dia 03/02 — como estava anunciado no número anterior — foi realizado a reunião em prol do nosso jornalzinho. Fizeram-se presentes, além da Equipe o "Pausa", representantes da colônia maranhense, como colaboradores e leitores.

Agradecemos aos participantes e lamentamos a ausência dos demais.-Eider A. Moraes.=====

Olá amigos! apresentamos aqui a 4ª edição do nosso jornal; "Pausa", com uma preocupação de informar o possível, — visando um melhor contato e maior integração aos leitores.

A participação é importante, não basta ler o nosso jornal e ficar neutro, sem dá uma sugestão, ou qualquer tipo de colaboração.

Pessoal! Ação, vamos lá! Abertura não é isso. Vamos ativar as consciências. Certo????

Olimpio Cruz Júnior

Estive em Brasília, no dia 04 do corrente mês, para uma apresentação no clube da Imprensa, o cantor e compositor maranhense Raimundo Maranhão. =====

Gilson Pacheco

Encontra-se em Brasília o deputado estadual Fernando Falcão. Após a sua posse na Assembleia Legislativa do Maranhão, ocorrida a primeiro de fevereiro, Fernando Falcão veio a Brasília tratar, junto aos Ministérios e repartições federais, de

cont. pág. 03 - ===== - Romero e Tobias Barreto. Foi grande orador e excelente poeta. Falceu ainda moço, no Rio de Janeiro, quase abandonado e desconhecido pelos seus contemporâneos.

No ano de 1935, quando festejado o 1º centenário da cidade, prometeram erigir em homenagem a gratidão a Melo Uchoa, um busto para que ficasse sua memória eterna como o bronze, até hoje, apenas, numa praça, resta-lhe o saudoso e respeitável nome. FINALIZAMOS NESTE NÚMERO PUBLICAÇÃO DESTA DOCUMENTO HISTÓRICO. =====

assuntos de interesse dos municípios que representa na Assembleia Estadual. - Nonato Cruz - =====

O escritor maranhense — Josué Montello — um dos mais premiados do Brasil, lançou no final de janeiro, seu novo romance: "Uma noite em Alcântara".

Gilson Pacheco

O surgimento de uma revista de circulação nacional, semelhante ao nome do nosso jornal, editada mensalmente em São Paulo, dedicando-se a "Garotas e Piadas", e devido a esta coincidência, nos leva a comunicar aos nossos leitores, a provável mudança no nome do nosso jornal. É isso aí. - Olimpio Júnior.

P A U S A

UM JORNAL QUE NÃO SE DELICIA COM ELOGIOS E NEM SE MANGOA, COM AS CRÍTICAS. PARTICIPE

O PRIMEIRO DA FILA

Até a bem pouco tempo, a nova geração artística barracorda-se viva camuflada e, de repente o "boom" literário e artístico surge. Despontando na primeira fila o jovem poeta e cronista— Osmar Monte.

Osmar Monte residiu em Barra do Corda até os 18 anos de idade, atualmente morando em Brasília. Aos 15, declamava suas primeiras poesias, traçando no decorrer desses anos uma luta em favor do seu trabalho.

Com cinco trabalhos já editados, pensa em publicar ainda neste ano, dois livros: Peripécias da Vida e o Verde de Brasília.

Indagado porque tinha se de-

dicado a poesia, disse que sempre adorou a poesia e que seu início foi mais social, hoje mais humanitário. "Sempre dei preferência as coisas mais delicadas."

rina, a forma, não nega o estilo do poeta, ao contrário, distingue-o, pois acha que muita gente, aproveita a linha modernista e o soneto é uma maneira de o poeta provar que sabe fazer poesias.

Para se conseguir fazer poesias, emenda: "Há uma faculdade mental" - argumentando que muitas vezes a poesia toca-o semelhante a um sentimento forte, uma dor, e então, pega do lápis e papel, transportando-a.

Com estes versos, revela humildemente a singeleza de suas obras. Quem me olha não me vê/ Quem me vê não me conhece/ Quem me conhece não olha/ E até mesmo se esquece./

Amigo, também das trovas vivas e peculiares, extrapola o passado, presente e futuro, relacionando dentro da obra, como estas: Quando eu era criança/ desejei ser um poeta,/ cresci e por sorte minha/ a poesia me afeta.

MADALENA

Osmar Monte

Chega Madalena aos pés de Jesus:

-Senhor, condena-me, mata-me se quiseres; sei que sou a pior entre as mulheres já não consigo carregar a minha cruz.

Senhor, de tantos pecados a vida me conduz a um jardim composto só de malnequeres; então o que farei eu? E o que tu preferes, atirar-me às trevas ou conceder-me a luz?

E Jesus escutando todos os termos usados bradou diante da multidão enfurecida:

-atire a primeira pedra quem não tiver pecados

Entreolharam-se. Silenciou tudo e atemorizaram os acusadores...

Jesus olhando Madalena arrependida

em alta voz falou: -perdoados são os teus pecados!

E completa: "Um desejo de dizer alguma coisa, sentimentos que queriam sair, sem pensar em forma".

Gosta da poesia moderna pela maneira simples de enviar a mensagem. No entanto, afirma que a

TROVA

(Osmar Monte)

Ainda quando menino desejei ser escritor, primeiro fui desatino pra depois ser trovador

PIRAMIDAS

VESTIBULARES/APROVADOS

Célia Beltrão - Est. Sociais-Ceub
 Gilson Pacheco - Dom Bosco - Educação Física.
 Maria Lúcia Cordeiro - Letras - Ceub.
 Perdigão Filho - Puc - Economia.
 Raquel Leite - Puc - Pedagogia.
 Sebastião Artur - Puc - Economia.

Casamento

Paulo Reginaldo Brasil e Cleubi Pedroso Toledo, casar-se-ão no dia 21/02/79, na Igreja Paroquial Santo Antônio.

ANIVERSÁRIOS

Dia 08/02 - Elton Moraes.
 Dia 19/02 - Antônio Pacheco.
 - Cléa M. Lucena.
 - José Murilo.
 - Raquel Leite.
 - Shirley Barradas.
 Dia 21/02 - Ubirajara Milhomen.
 Dia 23/02 - Raimundo Cordeiro.

AVISO

A Associação Casa do Maranhão adiou para o mês de março vindouro, a reunião para eleger sua nova diretoria, em data a ser confirmada pelos membros responsáveis.

- COLABORE CONOSCO - "P A U S A"

CARNAVAL, Caia na Gandaia Gilson Pacheco

Enfim chegou fevereiro! trazendo consigo uma das maiores e marcantes tradições — O CARNAVAL — a maior festa popular do mundo.

No transcurso dos quatro dias; para a maioria, de cachaaças, sambas e folias; para outros, a contínua rotina, excetuando-se aqueles que procuram se desligar através de acampamentos e retiradas.

Nesse período nos envolve — nos numa festa de libertação e auto identificação; nos desliga nos dos nossos problemas; frustrações; tédios e amarguras do dia a dia. E retiramos a máscara, que esconde a nossa verdadeira personalidade, e caímos na gandaia de corpo e alma.

É intensa a movimentação dos foliões, que deslocam-se da melhor forma possível com a franca finalidade de descontraírem-se através de nil e umas loucuras, expressando tudo de bon.

XX

C I N Z A S

De volta de uma longa viagem ao estrangeiro, uma senhora foi visitar uma amiga. Em casa desta, ficou a admirar um belo vaso posto sobre a lareira, dentro do qual viu uma substância cinzenta.

— Que é isso aí dentro? — perguntou.

— São as cinzas do meu marido — respondeu a amiga com o ar mais natural do mundo.

— Oh! — exclamou a visitante, muito embaraçada e contrita. — Meus pêsames!

— Bem que eu os mereço! Quando meu marido está fumando, põe a cinza do cigarro em qualquer lugar! (Cond. do Alman. de Pen.)

O POETA DE TODAS AS LÍNGUAS

p/ Eider A. Morais

Se você conhece São Luís, e ob-
servou o que está escrito no Gi-
násio Costa Rodrigues, certamen-
te terá gravado em sua mente, pou-
co que seja, versos do nosso pri-
meiro poeta lírico, e nenhum ne-
lhor do que ele, inquestionavel-
mente — Gonçalves Dias.

Essa poesia, grafada em le-
tras visíveis, é uma das partes
da Canção dos Tamoios. Não chores,
meu filho; / Não chores, que
a vida / É luta renhida; / Viver é
lutar. / A vida é combate; / Que os
fracos abate, / Que os forte, os
bravos, / só pode exaltar.

Antonio Gonçalves Dias, nas-
ceu numa humilde choupana da fa-
zenda Jatobá, no município de Ca-
xias, Maranhão. Desde criança
travou relações com as letras,
tão íntimo, que os amigos o ma-
triculara na escola do professor
João Sabino, que o iniciou nas
línguas latinas e francesas.

Com uma curta temporada em
São Luís, onde os jovens da pro-
víncia eram sábios intérpretes
de Vigílio, Odorico, etc — se-
guiu a Portugal, onde adquiriu
conhecimentos na Universidade de
Coimbra. Retornou ao Brasil co-
mo Bacharel de Ciências Jurídi-
cas, indo exercer, tão logo, no
Rio de Janeiro.

Na antiga capital federal, a-
lém de professor do Colégio Dom
Pedro II, dirigiu a Secretaria
de Negócios Estrangeiros.

Operário da inteligência, só
o cansaço o fazia deixar os li-
vros. Definia a poesia, como o
acasalamento do pensamento com o
sentimento; da idéia com a pai-
xão; colorindo tudo isso com i-
maginação; a compreendia sem po-
der definir, sentia sem poder
traduzir.

Não só cultivou a poesia. A
prosa e o teatro, também merecem
-lhe destaque. Indianista, pes-
quisou as lendas e crenças dos
nossos autóctones.

Nas costas do Maranhão, ape-
nas oito léguas de São Luís, o
navio que o trazia de Paris "Vil-
le de Boulogne" naufragara, dei-
xando sepultado no Oceano Atlân-
tico, um dos maiores poetas de
todas as línguas.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeariam,
Não gorgeariam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, á noite—

Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem que ainda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

=====
=====

EMENDE E ACRESCENTE QUEM SOUBER,
E APRENDA QUEM NÃO SOUBER,
E TODOS DEEM GLÓRIA AO SENHOR.

=====
===== Felipe Nunes